

LUCIMAR DOS SANTOS

**AUTONOMIA EM SALA DE AULA – A POSIÇÃO DO
ALUNO E DO PROFESSOR:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

CAMPINAS, 2002

LUCIMAR DOS SANTOS

**AUTONOMIA EM SALA DE AULA – A POSIÇÃO DO
ALUNO E DO PROFESSOR:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado com exigência parcial para o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a orientação do Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado.

CAMPINAS, 2002

FOLHA DE APROVAÇÃO

Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado
Orientador

Prof. Dra. Helena C. Lopes de Freitas
Segunda Leitora

LUCIMAR DOS SANTOS

**AUTONOMIA EM SALA DE AULA – A POSIÇÃO DO
ALUNO E DO PROFESSOR:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

CAMPINAS, 2002

LUCIMAR DOS SANTOS

**AUTONOMIA EM SALA DE AULA – A POSIÇÃO DO
ALUNO E DO PROFESSOR:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado com exigência parcial para o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a orientação do Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado.

CAMPINAS, 2002

FOLHA DE APROVAÇÃO

Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado
Orientador

Prof. Dra. Helena C. Lopes de Freitas
Segunda Leitora

UNIDADE.....	F. E
Nº CHAMADA:	
.....	ICC/UNICAMP
.....	Sa59a
V:.....EX:.....	
TOMBO:.....	2587
PROC:.....	162005
C:.....D:.....	X
PREÇO:.....	2011,00
DATA:.....	12/10/05
Nº CPD:.....	

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecário: Gildeir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

Santos, Lucimar dos.
Sa59a Autonomia em sala de aula - a posição do aluno e do professor : relato de uma experiência / Lucimar dos Santos. -- Campinas, SP: [s.n.], 2002.
Orientador : Guilherme do Val Toledo Prado.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
1. Autonomia. 2. Ambiente de sala de aula. 3. Professores e alunos – Relações. 4. Teatro de bonecos. 5. Arte e educação. I. Prado, Guilherme do Val Toledo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
02-0139-BFE

“Ao meu marido,
por toda compreensão e carinho.”

Agradecimentos

“À Daniela, por todas as dificuldades superadas juntas. E a
Vanessa que viabilizou esse trabalho.”

Sumário

Introdução	02
As primeiras dificuldades	09
Cartas na mesa	16
As compensações	23
O universo da criança	27
Considerações finais.....	33
Referencia bibliografica	37
Anexo	39

*Não cobiço nem disputo os teus olhos
não estou sequer à espera que me deixes ver através dos teus olhos
nem sei tampouco se quero ver o que vêem e do modo como vêem os teus olhos
Nada do que possas ver me levará a ver e a pensar contigo
se eu não for capaz de aprender a ver pelos meus olhos e a pensar comigo
Não me digas como se caminha e por onde é o caminho
deixa-me simplesmente acompanhar-te quando eu quiser
Se o caminho dos teus passos estiver iluminado
pela mais cintilante das estrelas que espreitam as noites e os dias
mesmo que tu me percas e eu te perca
algures na caminhada certamente nos reencontraremos
Não me expliques como deverei ser
quando um dia as circunstâncias quiserem que eu me encontre
no espaço e no tempo de condições que tu entendes e dominas
Semeia-te como és e oferece-te simplesmente à colheita de todas as horas
Não me prendas as mãos
não faças delas instrumento dócil de inspirações que ainda não vivi
Deixa-me arriscar o molde talvez incerto
deixa-me arriscar o barro talvez impróprio
na oficina onde ganham forma e paixão todos os sonhos que antecipam o futuro
E não me obrigues a ler os livros que eu ainda não adivinhei
nem queiras que eu saiba o que ainda não sou capaz de interrogar
Protege-me das incursões obrigatórias que sufocam o prazer da descoberta
e com o silêncio (intimamente sábio) das tuas palavras e dos teus gestos
ajuda-me serenamente a ler e a escrever a minha própria vida*

Ademar Ferreira dos Santos

INTRODUÇÃO

Introdução

Ao vivenciar a disciplina Estágio Supervisionado II, de cunho obrigatório no quarto semestre do curso de pedagogia, nesta instituição, eu e minha colega de classe, Daniela, tivemos a idéia de desenvolvermos juntas um trabalho com crianças de alguma escola pública em Campinas. Pensamos a respeito e optamos por trabalhar algo que introduzisse a educação artística em conjunto com outras áreas do conhecimento.

Mas a importância e a existência desse trabalho se concretizaram no ano seguinte, nos dois semestres de 2001, quando a professora Vanessa, também nossa colega de classe, foi transferida para a Escola Municipal Professora Clotilde Barraquet e nos convidou a trabalhar com ela.

Surgiu, então, a idéia de trabalharmos com teatro de bonecos, já que assim poderíamos desenvolver uma proposta engajada com várias áreas do conhecimento: educação artística, na própria confecção dos bonecos; matemática e geografia, ao se depararem com noções de tamanho e espaço; literatura e interpretação, já que estaríamos intimamente ligados com produção de textos.

A aprendizagem é um processo e não um fim, portanto estamos constantemente aprendendo a ler e a escrever de maneiras diversas. Essas formas diferentes de leitura e escrita, que pretendíamos com o teatro de bonecos, poderiam, acreditávamos assim, ajudar a desenvolver a criatividade, ajudar na busca de significados, podendo auxiliar no ato de ler e escrever um texto. A autora Tfouni¹ nos respalda nesta questão com esclarecedora visão a respeito desse processo: escrever não é somente reproduzir os traços da escrita, assim como ler não se refere apenas a compreensão de letras e palavras. Se admitirmos que há diferentes formas de leitura e escrita, como quando ocorre ao observarmos uma imagem ou uma representação teatral, por exemplo, a escrita e a leitura das letras e palavras não são fundamentais, ou melhor, únicos no que diz respeito à alfabetização. Lendo uma imagem podemos tirar dela significados e

¹ Tfouni, Leda V. 1995

posturas distintas e individuais que colaborarão posteriormente com nossa formação individual, refletindo, inquestionavelmente no nosso convívio social. Dessa forma o teatro pode efetivamente contribuir com a alfabetização já que visa uma representação através de determinada leitura de um fato ou história.

Além disso, como a escola passa a ser o primeiro contato mais complexo da criança com o meio social, é ali que ela se legitima como indivíduo, e vê no outro os seus limites. A criança passa a se ver com destaque nas relações. Não é mais simples ouvinte, ao contrário, interage com o professor e os colegas. Ela passa a se sentir importante no ambiente escolar e pode aproveitar melhor sua estadia na escola. O teatro poderia atingir aí papel relevante, pois o indivíduo, tanto no âmbito teatral como social, transforma-se de acordo com as situações, reconhecendo seus limites, respeitando o outro e se vendo também na posição do outro, assim como deve ocorrer no meio social.

“O indivíduo criativo geralmente revolta-se contra tudo o que é congelado formal, previamente decidido.”²

ou seja, a partir do momento que o indivíduo enxerga o mundo, não apenas através do seu olhar, mas também pelo olhar do outro, pode-se contribuir para a desestruturação social e transformá-la de acordo com seus interesses, quando isso lhe for necessário. Quando o ser humano tem a chance de vivenciar estas questões, como a de se colocar no lugar do outro, seja na escola ou no teatro, pode-se tornar apto à prolongar esses conhecimentos para sua vida cotidiana, podendo agir da maneira como julgar mais conveniente para si ou para a sociedade, frente a uma determinada situação.

Podemos ainda usar do mecanismo da arte para entendermos cada aluno como indivíduo no grupo. Dramatizando, a criança transmite um pouco de si mesma, seus sentimentos, suas convicções. Um professor atento pode usufruir disso para compreender cada aluno e assim trabalhar de maneira distinta com cada um deles, valorizando seu papel de educador.

E ainda não podemos deixar de ressaltar outras atribuições que podem ser trabalhadas e desenvolvidas através da expressão artística tais como o desenvolvimento da linguagem e sua fluência, capacidade de adaptação, síntese e abstração, senso crítico, senso de humor, criatividade, valorização da auto-estima, superação das dificuldades de

² Reverbel, Olga. 1989, pág. 27.

relacionamento, entre outros. É essencial deixar claro que não cabe aqui lugar para as avaliações. Cada criança é um ser único, com seus pensamentos, suas crenças e valores.

“Não se deve atribuir notas ou conceitos à sua produção, pois cada aluno cria na medida de suas possibilidades”.³

Quando optamos em trabalhar com o teatro na escola levamos em consideração que para que essa tarefa se tornasse prazerosa seria preciso vinculá-la aos interesses dos alunos. Recorremos a Rubem Alves, que caracteriza como sendo de extrema importância trabalhar com a realidade de cada aluno:

“as crianças não se interessam pelo aprendizado na escola, porque o que é ensinado não vai colado à vida”.⁴

Dessa maneira almejávamos uma relação de cumplicidade e confiança com cada um, pretendendo que eles se comportassem como seres ativos e não passivos na situação que proporíamos.

Planejamos trabalhar o ano inteiro com eles. Iniciamos com jogos de expressão, brincadeiras organizadas por nós, recortes, pintura.⁵ Pretendíamos com isso que as crianças se sentissem mais à vontade conosco, contribuindo assim para um melhor desenvolvimento do nosso projeto, aliado aos bons resultados que estas atividades poderiam proporcionar, já que as crianças se sentiam soltas e livres nessas aulas. Alias, esse indício de alegria com nossa presença foi fator primordial para levarmos nossos planos adiante. Mais tarde então, introduziríamos o que era nosso alvo final, o teatro de bonecos, como já explicitado acima.

Não tínhamos a intenção de transformá-los em artistas no sentido literal da palavra, mas através de expressões como esta, podemos ter a possibilidade de atingir um melhor equilíbrio psicológico e intelectual. Aumenta-se a capacidade de expressão tornando mais fácil a comunicação entre as pessoas e o mundo que as rodeia.

“O papel da arte... leva a conquistar um melhor domínio corporal e intelectual, um melhor equilíbrio psicológico, uma capacidade de expressão e comunicação mais satisfatória, uma integração mais dinâmica, uma relação mais enriquecedora com os outros,

³ Reverbel, Olga. 1989, pág 24.

⁴ Alves, Rubem, 2001, pág 48.

⁵ Em anexo.

uma assimilação mais pessoal e mais flexível das significações constitutivas do meio ambiente.”⁶

A integração dos alunos poderia acontecer de maneira mais promissora tanto para eles quanto para seu educador. Além de abrímos uma porta para interesses futuros, já que a arte é tão pouco valorizada no nosso país.

Nossa verdadeira ambição era fazer com que cada criança que participasse desse projeto encontrasse nas atividades propostas um prazer tão grande, a ponto de não se fazerem necessárias cobranças e intervenções muito grandes da nossa parte. Criar um ambiente descontraído, onde as crianças se tornassem capazes de sozinhas, escolherem o que considerassem mais importante, mais estimulante.

Planejamos iniciar trabalhando com as inibições e os receios mais frequentes nos alunos. Uma aula onde não fosse proibido correr, gritar, cantar, brincar..., ao contrário, esses eram fatores determinantes para que o projeto funcionasse. As crianças deveriam se sentir livres em seus movimentos ao mesmo tempo em que conhecessem melhor o colega e perdessem o receio de estar com o outro e de tocá-lo.

A priori consideramos que as crianças gostavam da nossa presença, pois quando chegávamos a euforia era indicativo de algo desejado e agradável. Sentíamos que ficavam alegres. Faziam a maior festa e quando nos atrasávamos, até levávamos bronca. As crianças se empenhavam bastante, umas mais outras nem tanto, mas ao final das brincadeiras todos estavam rindo e aparentemente entusiasmados com a nova proposta.

Como pretendíamos trabalhar com a realidade de cada aluno, vinculando-a ao nosso projeto, pedimos que para que cada criança, individualmente, fizesse uma pesquisa familiar para descobrirem quem eram seus antepassados e como viviam. A partir daí a confecção de bonecos em papel machê teria por molde, digamos assim, a personagem escolhida através da vida real de cada aluno.

Ingenuamente acreditávamos consideravelmente fácil essa missão. Que crianças não gostariam de brincar o tempo todo na aula, participar de jogos e teatros? Quem usufruir a leitura do presente trabalho poderá perceber que de início não tivemos grandes problemas, mas com o passar do ano percebemos que seria muito mais complicado do que supúnhamos. E a partir disso o enfoque do trabalho tomou nova consistência, pois descobrimos que os segredos que permeiam a relação adulto/criança,

⁶ Porcher, Louis. 1982, pág. 30.

professor/aluno são muito mais complexos do que imaginávamos inicialmente. Desencadearam-se, então, todas as conclusões, dúvidas, frustrações, anseios, vitórias e derrotas, as quais relataremos nesse trabalho.

AS PRIMEIRAS DIFICULDADES

As primeiras dificuldades

Planos traçados, crianças entusiasmadas, professoras a postos...Havíamos combinado com a professora Vanessa que ficaríamos com a turma durante o ano inteiro, com visitas semanais de quatro horas cada uma. Sempre foi nossa intenção transformar esse estágio em nosso trabalho de conclusão de curso na faculdade, justamente por isso optamos por permanecer na escola durante todo o período letivo, já que tínhamos o apoio da professora da classe, isso não seria problema.

Já no início a primeira barreira imposta pelo motivo de estarmos pretendendo fazer algo “didaticamente diferente”: qual espaço usar para as atividades? A sala de aula era muito pequena, aliás, a menor da escola. Empoeirada e desconfortável, as crianças não se sentiam à vontade para sentarem no chão ou mesmo ficarem descalças, o que era imprescindível para desenvolvermos nossas atividades.

A solução veio através da professora da turma que sugeriu que trabalhássemos numa sala ao lado, destinada às aulas de computação. Na realidade ela era usada apenas uma vez por semana naquele horário e não estaríamos atrapalhando as atividades dos outros professores, ficaríamos a vontade ali.

As crianças adoraram a idéia de trabalhar naquela sala. Espaçosa e limpa, três vezes maior que a sala de aula, os computadores de nada atrapalhavam já que se encontravam encostados às paredes. Elas logo que chegavam iam arrancando os sapatos e sentando no chão. Início perfeito para um projeto de tal gabarito. Infeliz engano. Mais tarde sentiríamos o triste peso da falta de sensibilidade por parte dos nossos colegas, que nos atingiria.

Quem não apreciou muito a idéia foram os professores de outras turmas e a diretora da escola. Para eles a sala deveria ser usada apenas com o intuito da computação, ou, pasmem, das aulas de educação artística, que eram ministradas através do computador pelo professor responsável. Inconcebível admitir essa idéia: como aulas de educação artística eram dadas ali, no computador, e nossas aulas estavam vetadas a usar tal espaço? Afinal, não se tratava de educação artística também?

Esse primeiro empecilho trouxe-nos algum aborrecimento, pois planejamos muitas atividades visando o tamanho do espaço que teríamos.

“A separação hierárquica e concentracionária entre os recreios, lugares especializados em desrepressões sadomasoquistas, e a classe, lugar sagrado das inibições e múltiplas frustrações.”⁷

Foi esse o sentimento que nos apoderou. Seguindo a tradição escolar, cada lugar tem sua especificidade e seu objetivo. Não poderíamos dispor daquele espaço, pois estava reservado para outros fins, que não o nosso projeto. Com efeito, alguns educadores consideram que apenas num ambiente “clássico” como uma sala de aula é possível que a criança aprenda, que produza algo concreto. Como se movimentos corporais, brincar, correr, cantar... não pudessem ser classificados como atividades pedagógicas.

Para que significantes mudanças e transformações ocorram efetivamente na escola, assim como na sociedade, é preciso que aprendamos a olhar mais amplamente do que comumente estamos habituados a enxergar. Não que seja esta uma tarefa fácil de se cumprir, ao contrário, para que essas mudanças de fato ocorram, se fazem necessárias posturas tomadas por nós, os interessados nessas transformações, que superem o nível individual e alienante de cada um. É preciso adequar suas atitudes a um clamor maior, ao de ser sujeito ativo nas questões, sejam elas sociais ou escolares. A diferença e a recompensa se encontra

*“entre seguirem restrições ou terem opções.
Entre serem espectadores ou atores...
Entre dizerem a palavra ou não terem voz,
castrados no seu poder de criar e recriar,
no seu poder de transformar o mundo”.⁸*

Não se pode atirar a primeira pedra aquele que nunca tentou. Por isso decidimos que os obstáculos impostos pela escola não nos amedrontariam. Pegamos nossos materiais, as crianças, o desejo de se ver realizar algo novo para os alunos e retornamos para a classe.

De volta à “tradicional” e desconchegante sala de aula retomamos nosso projeto sem nos deixarmos abater pelas fronteiras e limites que nos empunharam. Pedimos uma opinião às crianças que nos ofereceram como solução colocarmos as carteiras para fora

⁷Celma, Jules. 1979. pág. 49

⁸Freire, Paulo. 1987. pág. 35

da sala, “lá no meio do corredor”, disseram. Foi o que fizemos e retornamos ao trabalho. Dispostos como nunca.

Alguns professores nos olhavam com olhos brilhantes. Perguntavam sobre o trabalho, queriam detalhes. As crianças de outras turmas nos paravam nos corredores. Queriam saber quando iríamos as suas salas. Ficavam decepcionadas quando descobriam que o trabalho seria realizado apenas com a classe da professora Vanessa. Era triste e ao mesmo tempo prazeroso ver seus olhos brilhantes espiando pela janela. Prazeroso pelo fascínio que transmitíamos, triste por não podermos integrar todos os interessados em nossas atividades.

Conversamos muito sobre isso, inclusive com a professora da turma. Como desprezarmos um interesse tão eminente vindo daquelas crianças enquanto tínhamos na nossa classe algumas que mal se importavam com nossa presença?

Entretanto, não tínhamos muito apoio da escola. Na secretaria éramos olhadas de cima para baixo, com um ar esnobe e um olhar quase de deboche. Precisávamos guardar nosso material ali, afinal, como transportar nossas caixas, cabeças de bonecos, tecidos, tintas, todas as vezes que íamos à escola? Por conveniência deixamos todos os aparatos naquela sala. Daí o constrangimento que passávamos a cada nova aula. Olhares intrigados nos seguiam como se fôssemos verdadeiras intrusas. Para ilustrar melhor lembramos de um infeliz dia em que a diretora nos surpreendeu na sala dos professores: com todo o poder que lhe cabia perguntou-nos: “quem são vocês?”. Quando refrescamos sua memória deu-nos as costas, como se nenhuma importância tivéssemos.

Talvez se nossa recepção tivesse sido mais calorosa, tivéssemos ampliado o projeto para novas turmas. Crianças interessadas não faltariam. Quem sabe nosso trabalho poderia ter tido proporções bem maiores. E um apoio da direção seria uma conexão perfeita para divulgar nosso propósito à toda escola.

Certamente não podemos julgar ou mesmo culpar as atitudes dos que ainda, por algum infeliz motivo, não experimentaram o gosto do diferente, do olhar entusiasmado e fascinado de uma criança ou mesmo o amargo de uma derrota por tentar tal feito, por querer sair da rotina, como dizem alguns.

“E neste panorama desolador, o educador perdeu de vista que seu único compromisso é com o dinâmico, com o que poderá acontecer de maneira viva, salutar, inesperada, na medida em que seu aluno responda de modo inquieto, sem reservas e, portanto, em crescimento, a

*qualquer proposta que faça e que permita que isso aconteça...*⁹

E se ao invés de irmos adiante, ficarmos procurando os culpados para os erros, para as faltas, jamais poderíamos vivenciar prazeres que somente são alcançados quando transpomos esses limites. Os limites da mesmice, do comodismo e da inércia. Afinal, qual o sentido da educação em nossas vidas? Para que ou para quem nos tornamos educadores? Não seria com o intuito de transformar, de interagir, de dar vida às coisas, de preencher os sonhos, de realizar o improvável? Se não for esse o sentido, então estaremos muito enganados a respeito do nosso verdadeiro papel na história. E se a educação não for o percurso que precisamos percorrer para tornar nossa existência mais palpável, mais significativa, então todo nosso trabalho nesse estágio poderá ser engavetado e deixado no esquecimento.

Quando nos propusemos a realizar esse trabalho em conjunto com a professora da turma, não imaginávamos que pudéssemos obter uma repercussão tão gigantesca e tão conflitante em nossas mentes. Não que julgássemos a tarefa fácil, mas não considerávamos que os primeiros obstáculos surgidos, como a postura da direção da escola frente ao nosso trabalho, o veto ao uso de uma sala maior e mais confortável, se tornassem tão avassaladores e nos trouxessem mais tarde, como explicitaremos, tanto crescimento profissional. Conseguimos a partir disso repensar nossa prática pedagógica e colocar em xeque algumas “verdades”, que involuntariamente fazem parte do nosso cotidiano, como o pré-julgamento de alguém ou de alguma atitude tomada por outrem. O que sempre criticamos nos outros, reverteram-se contra nós: é como passar por uma classe onde as falas são muitas e as crianças andam por todos os lados. Uma pessoa desinformada pode concluir que a professora perdeu todo o “controle”, e no entanto, tarefas podem estarem sendo executadas e da maneira como a professora planejou. O que pretendemos esclarecer é exatamente isso, o olhar é diferente dependendo de quem olha. Talvez para os expectadores de fora o que desenvolvíamos ali não tivesse sentido algum. Estas questões

“sintetizaram todo o conflito entre duas posturas diferentes em educação: a da professora que ministra informações, que cobra disciplinas(..), que separa o saber do prazer... e a da professora que busca a ótica inversa, que respeita o aluno, que respeita o seu processo

⁹ Abramovich, Fanny. 1985, pag. 41.

*e o seu momento, que não limita a fronteira entre o gostar e o fazer...*¹⁰

Não podemos nos esquecer que essa postura tomada pelos colegas de trabalho geralmente é respaldada por grandes desculpas, ou mesmo indiferenças, com o intuito de não demonstrar o que realmente sentem ou pensam a respeito de como inovar, como interagir com seus alunos. A dificuldade do professor em lidar com o novo, com o expressivo, é muitas vezes decorrência de sua formação estagnada no tempo e nas atitudes. Como exigir que um educador transmita para seus alunos valores ou mesmo questionamentos que ele mesmo nunca deu importância anteriormente? O papel do professor acaba se limitando ao de simples transmissor de conteúdos pré-fabricados e pré-determinados, que por vezes nem mesmo a ele significou algum atribuí. O problema também se agrava porque o educador

*“perdeu a sua curiosidade, porque perdeu a capacidade de inventar e se espantar, porque não quer mexer nas poucas conquistas que fez(...). porque tem medo de pensar com a sua própria cabeça é que está sempre solicitando uma resposta pronta, uma receita infalível (...), porque está massacrado como ser humano.”*¹¹

E através de circunstâncias como esta se torna possível visualizar com maior nitidez as vezes que nos julgamos detentores do saber. Sabedoria esta, supostamente suficiente para qualificar ou não o trabalho dos outros, classificando sua postura a respeito de uma determinada atitude que nos pareça desproporcional, como equivocada ou pelo menos regada à inexperiência. Desmascaradas por nossas próprias atitudes acerca de algumas das convicções que acreditávamos serem inquestionáveis, passamos a espreitar com maior acuidade nossa própria postura.

Todavia a experiência vivida com este trabalho foi muito rica e nos proporcionou um maior entrosamento do estudado na teoria e o que realizamos na prática.

“Pois aqueles educadores que estão compromissados com a escola da vida, pulsante, dinâmica, em permanente mutação, estes acreditam é na experiência vivida e refeita a cada novo ato pedagógico... E provam isso,

¹⁰ Abramovich, Fanny, 1985, pag 38

¹¹ Abramovich, Fanny, 1985, pag. 40

*na sua própria trajetória do se fazer e do se saber
como educadores... ”¹²*

Como já mencionado anteriormente, pretendíamos trabalhar a realidade de cada aluno. E para tentarmos abordar amplamente esta questão passamos a pensar primeiramente em como entrelaçar o cotidiano da criança com o teatro de bonecos. Evidentemente existem muitas questões corriqueiras da vida dos alunos que podíamos explorar, como a violência, o envolvimento com drogas, entre outras questões não menos importantes. Contudo, não menosprezando o valor ou a qualidade de nenhuma das propostas anteriores, chegamos em comum acordo com a professora da turma, a uma definição: trabalharíamos com os antepassados de cada aluno, buscando através de suas histórias, convergências ou divergências com a realidade, vinte, trinta ou quarenta anos depois. Foi a maneira que encontramos de trazer algo que fizesse parte de cada aluno para dentro da sala de aula, concomitante com a possibilidade de integrar também a família da criança no processo, já que por sua vez, esta seria questionada pelas crianças acerca de seus passados.

Cada criança individualmente deveria fazer uma pesquisa familiar. Escolher uma pessoa (avô, avó, tio, tia...) e conhecer sua história, seu passado. Como trabalhavam, como brincavam, se divertiam, etc. Feito isso cada boneco seria confeccionado a partir da personagem escolhida, visando cor, idade, sexo e outras características que julgassem importantes.

Levamos todo material que as crianças precisariam para a construção dos bonecos em papel machê e também para suas vestimentas ¹³. As personagens foram fabricadas a partir do histórico levantado por cada criança, tendo em mente que posteriormente seriam personagens de histórias criadas por elas mesmas.

A partir disso, enquanto os bonecos secavam totalmente, partimos para outra fase do projeto: a estruturação das histórias que comporiam os enredos dos teatrinhos através de grupos definidos pelas próprias crianças. Fase esta, que será posteriormente detalhada.

¹² Abramovich, Fanny, 1985. pág 129

¹³ Em anexo.

CARTAS NA MESA

Cartas na mesa

Uma das características do nosso trabalho era o fato de pretendermos dar às crianças total liberdade de escolha quanto às atividades.

“Antes de mais nada o jogo é uma atividade voluntária. Sujeito à ordens, deixa de ser jogo, podendo no máximo ser uma imitação forçada.”¹⁴

Uma liberdade que os torne capazes de julgar por eles mesmos como o conhecimento pode emergir de lugares nunca antes pensados ou experimentados. Adotamos dessa maneira uma postura prévia de que uma criança tem condições de julgar o que é bom ou não para si, levando em consideração o que diz Korczak:

“Por isso é mais gostoso brincar entre nós, sem os adultos. O adulto logo determina como tudo deve ser, escolhe quem vai fazer o que, e fica nos apressando, como se quisesse economizar tempo.”¹⁵

O autor, neste livro, voltou a ser criança quando já era um adulto chato e rabugento, segundo ele, e passa a enxergar as coisas pela óptica infantil, quebrando todas as convicções que adquiriu quando adulto. Desprezando a autonomia que as crianças podem ter, corremos o risco de cair na mesma armadilha a que se refere o autor, assumindo atitudes que não engrandecem em nada nossa função de educador. Ao contrário, despoja-nos das possibilidades de atuar de maneira eficaz e nos rebaixa ao título de adulto chato e rabugento, ao qual Korczak, livremente se classificou.

O faz-de-conta, a brincadeira pela brincadeira, deixa às vezes de ser considerada importante dentro do contexto escolar. Mas como separar a criança desse universo tão peculiar? Frente à tentativa de fugir do cotidiano, o jogo se revela como um fundamental artifício.

“Toda criança deve ter o direito de viver suas fantasias”¹⁶

¹⁴ Huizinga, Johan, 1971, pág. 10

¹⁵ Korczak, Janusz, 1981, pág. 49

¹⁶ korczak, Janusz, 1986, pág. 62

e ter a chance de que isso aumente sua criatividade e conseqüentemente o desenvolvimento de sua inteligência e sua personalidade. É como se pudéssemos “fugir” um pouco do que é real no nosso ambiente, no nosso espaço pessoal e social, para vivermos mais intensamente outras sensações, que não são permitidas normalmente na realidade em que vivemos, pois

“uma das características mais importantes do jogo é sua separação espacial em relação à vida cotidiana”,¹⁷

proporcionando às crianças fantasiar, imaginar e brincar ao mesmo tempo em que se legitimam como indivíduos.

As crianças poderiam ou não participar da atividade proposta no dia. Dependia exclusivamente delas. Todavia uma regra era clara: se optassem por participar não poderiam mais deixar a atividade. Como praticamente todas elas eram realizadas em grupo, ficou determinado que ninguém atrapalharia o colega, daí a regra. Alguns questionavam. Queriam poder desistir no meio do processo, mas a grande maioria considerava essa postura correta... “senão vira bagunça professora”.

É preciso antes de tudo que os alunos estejam realmente interessados em algo novo, inusitado. Temos, por vezes, o vício de achar que por ser diferente, a tarefa será apreciada, mas nem sempre é assim. Na realidade fazer com que as crianças se entrosassem com nosso trabalho não foi tarefa fácil. Tornar interessante para elas o que para nós era simplesmente fascinante, foi a prova maior da dificuldade que enfrentaríamos, como quando percebemos que o entusiasmo que fazia parte inicialmente de todas as crianças estava se dispersando. Muitos estavam desinteressados pelas atividades e não respeitavam qualquer proposta que se fizessem a eles.

Consideramos as dificuldades aqui, não como empecilhos, mas como coadjuvantes no nosso próprio aprendizado, pois através delas podemos nos questionar, nos criticar e avaliar até onde somos capazes de chegar e se estamos, através da nossa conduta, trazendo algum benefício para as crianças.

A professora titular da classe, deu então a sugestão de pedirmos as opiniões dos alunos. Como uma auto avaliação. De início eles tiveram medo e não responderam, a professora decidiu então, que eles deveriam escrever bilhetes relatando o que achavam

¹⁷ Huizinga, Johan, 1971, pág. 23

do nosso trabalho, se queriam ou não que continuássemos. Os bilhetes poderiam ser ou não anônimos, ficaria a critério deles. E eis o que obtivemos:

Eu gosto do fantoche porque é muito legal e nós fazemos atividades bem legais.

Eu gosto porque é muito interessante aprender fazer o fantoche.

Eu gosto porque a gente aprende mais e eu também gosto muito de aprender muito o fantoche. É sobre o nosso avô é eu gosto de aprender porisso.

Eu não gosto porque qualquer brincadeira que eu faço ela reclama de tudo e é muito chato e no começo foi legal e elas começaram a ficar enjoada.

Eu não gosto porque é chato.

Eu não gosto porque é muito chato as atividade delas e elas são chatas.

Eu não gosto porque é enjoado e chato.

Eu gosto porque a gente faz brincadeira, a gente faz bonecos e roupas para eles e também teatro eu gosto muito de Lucimar e Daniela.

Eu gosto de fazer o fantoche porque eu gostei e achei interessante.

Eu gosto porque eu acho importante por se a gente tem um filho e querer fazer para ele não vai saber fazer.

Eu gosto porque to aprendendo o dialogo e fazer fantoche.

Eu gosto porque eu acho muito legal porque é uma atividade nova e por cima divertido e legal.

Eu gosto do fantoche porque é um trabalho legal e gastaram dinheiro para compra o material. Obrigado por ler Dani e Lu.

Eu não gosto porque me da preguisa.

Eu gosto porque eu a chei legal e difetido.

*Eu gosto de fazer fantoche com a Daniela e com a Lucimar, elas é muito legal e elas brinca bastante, com a gente.*¹⁸

Frente a realidade exposta nos bilhetes eu e a Daniela decidimos que esta seria uma boa oportunidade para repensarmos nosso trabalho. Até que ponto valeria a pena levar aquilo adiante? Sinceramente quando nos deparamos com as alegações contidas nos bilhetes nos entristecemos. Foi como se todo o trabalho não tivesse resultado em bons motivos para continuarmos até o final, ao contrário, parecia estar se definhando com o passar dos dias. Todavia ao invés de desistirmos ou nos enfraquecermos, uma frase não nos saía do pensamento:

“mudo de olhar a cada passo”¹⁹.

E a partir disso passamos a repensar nossa prática pedagógica com o intuito de melhorar nossa atuação, porém sem nos esquecermos que isso somente ocorrerá de maneira satisfatória quando aprendermos com nossos erros, encarando-os de frente, independente de quanto isso nos custará. A mudança de olhar faz com que enxerguemos com maior amplitude as conseqüências e as disposições dos problemas e soluções que emergem no decorrer do percurso.

“Toda atividade que não interessa é antieducativa”...²⁰,

segundo Fanny, e vinculando esse pensamento aos bilhetes das crianças pudemos nos questionar a respeito do que verdadeiramente acreditamos ou não. Fazer exigências para

¹⁸ Todos os erros gramaticais foram preservados, de acordo com o que as crianças escreveram.

¹⁹ Smolka, Ana Luiza. In disciplina – Pensamento, linguagem e desenvolvimento humano.

²⁰ Abramovich, Fanny, 1985. pág 18

que os alunos compareçam às aulas ou se interessem pelo assunto proposto, vai de encontro com todas as alegações que fizemos até agora, a de que a criança não deve ser submetida às nossas crenças e dessa maneira desrespeitada no seu direito de ser criança, de não gostar de se submeter a ordens que aparentemente não lhe fazem sentido.

“O processo educativo deve preservar a liberdade da criança, preservar seu querer livre.”²¹

Se ignorássemos os bilhetes passaríamos por educadores arrogantes e insensíveis além de frear uma palpável situação de integração professor/aluno. Se nossa meta é justamente a de propiciar um ambiente criativo e de liberdade como então podar os sentimentos que suscitavam nas crianças e que foram revelados nos bilhetes?

A partir disso deixamos que as crianças escolhessem se deveríamos ou não continuar, pois concordamos com Dallari²² quando sugere ser conveniente deixar que a criança escolha sozinha o que é melhor para si. Com isso há uma forte possibilidade de propiciar às crianças que experimentem coisas novas e classifiquem quais as escolhas valem ou não a pena pelo prazer ou resultado que proporciona. Segundo o autor ela é capaz de sozinha, decidir o que é melhor para seu desenvolvimento, contribuindo também com uma melhor socialização, porque quando se incita a criança a pensar, se proporciona a ela uma fonte riquíssima de descobertas já que desde cedo se conscientiza de que ela é capaz e inteligente, o professor pode estar instigando a criança, dessa maneira à vivenciar um ambiente não arbitrário de aprendizado. Como a grande maioria dos alunos consentiu que ficássemos, continuamos nosso trabalho.

Notamos que no início, quando deixamos livre suas participações, pouquíssimos alunos ficavam de fora. Talvez pelo velho receio da punição. Com o passar do tempo, percebendo que nada acontecia com os que se recusavam a colaborar, mais e mais alunos preferiam ficar de fora. Queriam brincar, correr, sem prestar atenção alguma ao que estávamos propondo.

É importante destacar que a maioria dos bilhetes nos vangloriava justamente por encararem as atividades como pura brincadeira. Sem dúvida esse era o maior motivo da alegria quando chegávamos na sala. Classificavam nossa aula como a “aula da bagunça, da brincadeira”. Poderiam fazer o que quisessem já que era tão livre. Talvez esse tenha

²¹ Dallari, Dalmo de Abreu, 1986, pág 48

²² Dallari, Dalmo de Abreu, 1986

sido o cume do momento onde não tivemos sensibilidade para entender o que acontecia e por isso mesmo não prever o que haveria no futuro: um desinteresse generalizado. Se ao invés disso tivéssemos percebido para onde a situação estava caminhando, poderíamos ter tido a chance de coloca-la nos eixos novamente, ou seja, planejar uma maneira de mostrar as crianças nosso propósito, nosso objetivo, evitando que elas se dispersassem e começassem a se chatear.

Que atitude ou postura tomamos quando percebemos que o que era interessante para nós não passava de zombaria e aulas sem valor ou interesse para os alunos?

Por vezes, temos a pretensão de considerar que uma suposta novidade trará para as crianças uma paixão tão grande que se tornarão amantes, no caso da arte, como nós. Mera ilusão. Considerar que o aluno seja uma “tábula rasa”, onde é possível germinar sensações, as quais eles considerarão inquestionavelmente maravilhosas, pode ser um grande equívoco. Nem sempre o inusitado pode ser considerado como algo a ser aceito e amado. Questionar aí o que é verdadeiramente interessante seria uma boa proposta.

Segundo Janusz Korczak, quando tudo o que você planejava não deu certo, quando tudo saiu diferente do que você imaginava, aí você deve alegrar-se, pois estará no caminho certo, porque não existem receitas e fórmulas para que tudo aconteça da maneira planejada. Só o tempo faz com que você conheça suas crianças e apenas assim poderá dar o melhor de si.

“Pensar que a pedagogia é uma ciência da criança e não do homem é um erro.”²³

Não existem meios de transformar a personalidade de alguém, mesmo que seja uma criança. Se ela é barulhenta, não gosta de fazer a mesma coisa o tempo todo, dificilmente mudará. O fato de conseguir que ela se interesse por algo que jamais gostou, ou participar de atividades as quais sempre se recusava, pode ser considerado uma vitória.

“Não se esforce para ser um educador austero, com contabilidade psicológica no coração e código pedagógico na cabeça... Você terá um aliado maravilhoso...a juventude. E peça ajuda a esta velha rabugenta que é a experiência.”²⁴

²³ Korczak, Janusz, 1983. pág. 166

²⁴ Korczak, Janusz, 1983. pág. 167

AS COMPENSAÇÕES

As compensações

Como mesmo depois das crianças optarem que deveríamos permanecer na escola não obtivemos muito empenho por parte delas como foi combinado anteriormente, a professora sugeriu um ultimato: deixar continuar apenas os que estavam dispostos a desenvolver o trabalho conosco. Afinal, algumas histórias²⁵ estavam praticamente prontas e o empenho desses alunos foi determinante para concordarmos com essa sugestão. Finalmente três grupos foram escolhidos.

Curiosamente um dos grupos era formado pelo que tradicionalmente se classifica como os “desordeiros” da turma. Tratava-se de um grupo inteiramente masculino, grupo de amigos que sempre estavam juntos, portanto se estudavam juntos, badernavam juntos também, e como se saíam bem neste último... Voltamos a destacar aqui a importância de Dallari²⁶ para embasarmos a teoria de que a criança deve ter livre arbítrio para escolher o que é melhor para si, e isso certamente inclui as pessoas que ela escolhe para fazerem parte do seu convívio.

Talvez justamente por esse motivo, esse era o grupo que se caracterizava por ser o mais interessado e o mais esforçado. Obviamente cem por cento do seu tempo não estava voltado às atividades (se é que uma coisa dessas seja possível). Brincavam, dispersavam-se. Brigavam, e muito. Mas paralelamente a isso era o grupo que mais se destacava no quesito interesse e determinação. Como em todo grupo, seja ele escolar ou não, havia um líder entre eles. Quando se dispersavam demais, inclusive com a participação desse líder, este por sua vez era o primeiro a retomar o “controle” da situação e trazer o grupo novamente ao trabalho. Todos davam sugestões e críticas. Eles se auto corrigiam sem nossa intervenção: entonações de voz, seqüências das falas, mudanças necessárias no roteiro. Eles mesmos se cobravam e decidiam quando o ensaio estava bom ou era preciso repassar.

A desenvoltura do grupo permitia que nos sentíssemos realizadas, em dia com que nos propomos a fazer. Era um momento mágico. Ficar de longe, apenas observando e saboreando o que aquela liberdade fez com aquelas crianças. Até que ponto éramos

²⁵ Em anexo

²⁶ Dallari, Dalmo de Abreu, 1986, pág. 62

necessárias ali? Às vezes achávamos que nosso trabalho estava encaminhado. O “pontapé” inicial havia dado certo, agora era só curtir o resultado. Eles já eram capazes de sozinhos guiar seus passos na atividade, e não porque eram obrigados a isso, mas porque gostavam do que estavam fazendo. De vez em quando pediam uma opinião, uma crítica. E apenas nessas circunstâncias nos atrevíamos a dar um parecer.

“A expressão espontânea da personalidade está profundamente relacionada com a orientação dada pelo professor. Este jamais poderá constranger a criança a atuar por imposição; pelo contrário, deverá deixá-la percorrer livremente seu caminho de descobertas e permitir-lhe assimilá-las, transforma-las...”²⁷

E quando proporcionamos às crianças um ambiente assim, estas por sua vez acabam sendo coniventes com o trabalho que desenvolvemos, possibilitando uma relação muito mais proveitosa, para ambas as partes.

Um outro grupo exclusivamente feminino, já não era tão “dedicado” digamos assim. Era preciso estarmos sempre por perto para que não se dispersassem por inteiro. Sempre achavam que o ensaio já bastava, e queriam conversar sobre outros assuntos. A determinação era bem diferente da do grupo dos meninos. Elas pouco se cobravam, apenas umas correções nas seqüências de falas, nada mais. Não se auto corrigiam nem almejavam um ensaio aonde não ocorressem mais erros de falas. Sua dedicação não passava de obrigação em cumprir o proposto. Nada queriam além disso.

O terceiro grupo, composto apenas por duas meninas, não se diferenciava muito do anterior. Aparentemente queriam apenas cumprir o proposto, e só.

“... A postura básica do educador é aquela aberta, que parte da percepção de cada aluno e do grupo como um todo, que possibilita a cada aluno que se conheça e conheça seu colega, para aí, depois de se detectar quais as dificuldades, lacunas e interesses de cada grupo, poder ter alguma idéia do que poderá ser proposto àquele grupo...”²⁸

Como não houve intervenções nossas nas escolhas dos grupos, obviamente os amigos ficaram juntos e as “panelinhas” não se desfizeram. Imaginávamos que esse pormenor não atrapalharia nosso trabalho, como de fato ocorreu. Pelo contrário, ajudou com que os amigos se entusiassem em fazer algo em conjunto. O primeiro grupo, o

²⁷ Reverbel, Olga, 1989 pag 20

²⁸ Abramovich, Fanny, 1985. pág 41

maior deles, foi talvez o que mais superou nossas expectativas em relação a desempenho e euforia. Afinal de contas, esse era o grande lance, fazer com que as crianças tivessem prazer no que estavam fazendo. Que encarassem nossa estadia como algo inesquecível e prazeroso.

Trabalho em grupo é uma tarefa essencialmente complicada. De início conversamos sobre a possibilidade de não deixar livre a escolha dos grupos, justamente para evitar as famosas “panelinhas” que tiram tantos professores do sério. Mas como já dito e respaldado anteriormente, acreditamos que a melhor opção para um bom desenvolvimento do trabalho seria deixar as crianças livres em suas escolhas: dar a criança total autonomia, tanto para decidir como e quando participariam, como para fazerem suas seleções.

O trabalho em grupo proporciona aos indivíduos respeito mútuo, diálogo, convivência com pessoas desconhecidas, propiciando um ambiente rico em trocas, aprendizado dos seus próprios limites e conseqüentemente os limites do outro, pois

“a vida social depende de que cada um abra mão da sua vontade, naquilo em que ela se choça com a vontade coletiva. E assim vão aprendendo as crianças as regras da convivência democrática...”²⁹

Prova maior de que nossa atitude e nossa crença tem fundamento foi o destaque do grupo masculino, pois se tornou uma verdadeira dádiva contempla-los no trabalho. Era simplesmente fascinante observar o desempenho daquele grupo, que talvez olhado por pessoas de fora pudesse ser classificado como um erro. Afinal, brincavam muito e conversavam demais. Feliz de nós que tínhamos a possibilidade de participar daquele processo e enxergávamos as coisas bem diferentes. Sua autonomia em resolverem sozinhos as questões, o prazer com que “brincavam” com aquele teatro, proporcionou-nos um sincero sentimento de premiação, de vitória.

²⁹ Alves, Rubem, 2001, pág 68

O UNIVERSO DA CRIANÇA

O universo da criança

Nos casos em que a sintonia não for perfeita com todos os alunos, como conhecer a todos, seus gostos, seus pensamentos, suas preferências? Como agir com uma criança que não é inteiramente verdadeira com você, pois ainda não confia plenamente neste adulto que lhe dita ordens? Como conhecê-la, saber o que realmente está sentindo ou pensando, se não tivermos a ajuda involuntária de um amigo delator? Afinal nossos olhos não dão conta da classe toda, por todo o tempo.

Inicialmente não aceitávamos a idéia de trabalhar com as crianças, ouvindo o tempo todo seus relatos gigantescos e minuciosos a respeito do amigo. Críticas a parte, esse mecanismo pode não ser o mais descente, mas certamente conspira com bons resultados. É o que acredita também Korczak ³⁰: como conhecer bem a criança, entrar no seu universo se não ouvirmos o que uma tem a dizer da outra? Afinal, são companheiras, amigas e sendo assim se conhecem melhor entre si do que você supõe que a conhece.

Através de ocasiões como esta, quando uma criança fala abertamente sobre a outra, se torna possível conhecer fatos que talvez jamais saberíamos se esperássemos pela confissão voluntária de algum problema ou crítica de um aluno a respeito da atividade proposta. Por medo de ser punido ou talvez humilhado na frente dos colegas, às vezes a criança pode ludibria-lo com aparências. Estão ali, mas não querem estar, fazem a tarefa por medo de repressões ou punições e não porque estão realmente envolvidos e interessados.

O que sempre criticamos nos outros passou a ser um excelente artifício para compreender melhor o processo pelo qual somos parte integrante e fundamental. Se não estivermos sensíveis a estes detalhes, poderemos por imprudência deixar de agir corretamente com um aluno ou desprezar os seus sentimentos e aspirações, baseados em falsos princípios, e que não nos levam à verdadeira fonte do problema.

Descobrir se a questão é o educador, que não consegue suscitar na criança curiosidade o bastante para que se tenha uma aula produtiva e ao mesmo tempo gostosa, ou se são os alunos, que quando determinam que não estão a fim de aprender ou

³⁰ Korczak < Janusz, 1983

colaborar não adianta usar nenhum recurso, são mecanismos que deveríamos adotar para saber lidar melhor com nossos alunos. Sem dúvida nos proporcionaria resultados bastante relevantes no quesito convivência, levando em conta que somente quando se há uma troca (professor/aluno, aluno/professor) é que se torna possível uma harmonia entre aprendizado e satisfação, seja ela por parte do aluno ou do professor.

Saber enxergar quais são nossos limites, fraquezas e fracassos talvez possa ser considerado o passo mais importante para ser um educador condizente com sua função. Afinal de contas, apenas quando nos conhecemos bem é que adquirimos competência suficiente para compreender os outros, enxergando também seus limites e suas fraquezas.

“Se permitir deixar de ser ‘a medida de todas as coisas’, perder esta mania de querer ser o detentor de todo o saber e poder do mundo, saber se colocar como uma pessoa também em mudança (e estar se modificando sempre) para que o aluno (...) possa crescer, questionar, propor junto, repropor o desinteressante, se modificar e modificar a gente, nesta busca mútua e paralela”.³¹

Assegurando, com laços sólidos, nossa relação com os alunos e evitando criar discrepâncias, as quais apenas serviriam para aumentar as diferenças entre adultos e crianças.

Saber respeitar os alunos e seus limites e ter a consciência de que às vezes nos enxergam como verdadeiros tiranos, que vieram para atrapalhar seu vôo e impedir seus saltos, também envolve nosso debate. Compete ao professor perceber quando um trabalho, seja ele por exigência demais, ou por regalia da criança, a está sufocando. E dessa maneira saber lidar com os percalços que surgirão mediante o trabalho. Mostrar a ela, através de atitudes e não de palavras, que nosso intuito é o de aprender com ela, e jamais o de impossibilitar suas conquistas.

Além disso, levar a sério seus problemas e questionamentos, não esquecendo que sua vida é uma constante descoberta e por isso quando somos surpreendidos com uma pergunta, por nós considerada como tola, ter consciência de que deve haver alguma importância para a criança que a fez, não nos esquecendo que um dia fomos criança e que talvez fizemos as mesmas perguntas, tivemos as mesmas curiosidades.

³¹ Abramovich, Fanny, 1985. pág 42

“Elas ainda tem olhos encantados”³².

Estão ansiosas para aprender e é importante fazer com que a criança confie em você para que não se quebre esse vínculo de cumplicidade e confiança.

“É preciso evitar ... a atitude deliberada de impor idéias desde muito cedo às crianças, para que elas sejam adeptas e continuadoras das convicções dos pais, professores ou de qualquer adulto prepotente”³³.

Bem como diz o autor, quase sempre influenciamos quem convive conosco, seja na posição de pai ou educador. Importante é ter sensibilidade para perceber quando esse ato estiver se tornando imposição obrigatória, deixando a criança sem espaço para pensar sozinha e também fazer suas próprias escolhas. Erroneamente consideramos que nossos alunos, por serem crianças, não possuem senso crítico e opinião própria e que são tão inocentes que não possuem capacidade para direcionar seus protestos e requerimentos. O respeito mútuo deve ser o equilíbrio entre as partes envolvidas em qualquer relacionamento e na educação não poderia ser diferente. Menosprezar o sentimento da criança pode ser determinante para um não enriquecimento nas relações adulto/criança e transformar uma possibilidade de entrosamento em degradante empecilho.

Como exigir que se faça silêncio, que não se fale? O “mundo” da criança é assim. Gostam de gritar, pular, correr, por isso devemos nos ater aos detalhes para não transformar cedo demais nossas crianças em pequenos adultos. E se desastrosamente acontecer de agirmos assim, colocaremos em xeque tudo o que dissemos até agora. A criança não quer ficar por quatro horas do seu dia sentada numa cadeira fazendo a mesma coisa. Ela precisa descobrir coisas, falar com pessoas que nunca viu, enxergar o que um adulto jamais enxergará. Assim é a criança. A vida é movimento, e este movimento faz parte do ser humano, ela exige comunicação com o mundo e com o outro, para que se possa ter uma boa convivência social.

“Aquele aluno que dribla as imposições e se recusa a fazer o jogo escolar, este parece mais promissor como ser humano...”³⁴

³² Alves, Rubem, 2001. pág 66

³³ Dallari, Dalmo de Abreu, 1986, pág 27

Ao optarmos em trabalhar com elas, devemos tentar compreendê-la. O que faz parte de sua imaginação? Por que ela corre sem motivo e sem rumo enquanto grita para as nuvens? É preciso se integrar ao mundo dela, deixando de lado falsos pudores que apenas servem para nos desvencilhar desse processo de aproximação. Compreender a criança é antes de tudo respeitá-la. Respeita-la como ser pensante e dotado de sentimentos. Compreendê-la é parte fundamental para uma relação concreta e eficaz, pois compreendê-la significa respeitar todos os seus direitos bem como diz Korczak³⁵: o direito de pensar, de sentir, de querer. Comumente menosprezamos a criança como um ser inteiro e ignoramos sua sensibilidade e sua inteligência, assim como seus sentimentos,

“é como se a criança sentisse menos, tivesse outro tipo de pele”³⁶.

Estar atento a essas peculiaridades pode fazer a diferença no relacionamento adulto/criança.

É necessário também se auto avaliar, se auto criticar. É fácil julgar as atitudes dos colegas de trabalho, difícil mesmo é tornar-se imprescindível e essencial para seus alunos. Fácil é culpar os alunos por nossas derrotas, difícil é aceitar que não somos donos da verdade.

Difícil é sair da rotina, é transformar o antigo em novo, o feio em belo, a inércia em movimento.

Primeiramente aceitar que podemos errar, freqüentemente e sem medo. As barreiras de um desenvolvimento eficaz está justamente aí, no medo de acertar, de errar, de mudar, do que seja. Mas como mudar e transformar sem corrermos esses riscos?

É muito cômodo continuar na prática de lições velhas, de cadernos amarelados e cartilhas ultrapassadas. Incômodo mesmo é rasga-los todos. O que não se pode admitir é que por temor do novo, nos escondamos atrás de nossas antigas certezas, que nem sempre o são para todos. Mas isso somente saberemos experimentando o gosto da vitória, da derrota, do medo. E quem pode garantir que uma vitória não será julgada por outrem como uma derrota descabida?

³⁴ Abramovich, Fanny, 1985. pág 25

³⁵ Korczak, Janusz, 1986

³⁶ Korczak, Janusz, 1981. pág 48

Essas dúvidas e temores nos perseguirão por toda nossa carreira educacional. Será que um dia deixarão de existir? Provavelmente não. Se isso ocorrer de nada terá valido todos os percalços que passamos. Pois é através dos erros, dos medos, das tentativas inválidas, que temos a opção de começar de novo. E é aí que se reciclam todos os valores, todas as certezas que carregamos conosco. E é por isso que se vale à pena errar, para que haja uma transformação efetiva em nossa existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações finais

Embasados em todos os autores que aqui citamos, perguntamo-nos qual é o papel do educador então? Não seria o de instigar os alunos? De se fazer acontecer? Fazer com que os alunos questionem, questionem-se, interessem-se, transformem a si mesmos para conseqüentemente transformar o mundo que os cerca?

*“Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros”.*³⁷

Não somos detentores do saber, do conhecimento. Somos antes disso, ponte para que isso ocorra. A transformação na sociedade se dá através disso: primeiro nos transformamos para depois transformarmos o mundo. Espero, sinceramente, termos contribuído para essa finalidade. Fazer com que cada criança escolha o que é melhor para si, como fazer e o porquê fazer. Permitir que também nos modifiquemos com os resultados obtidos é sinal de que a luta, a proposta, valeu a pena.

*“A tarefa do professor: mostrar a frutinha vermelha. Come-la diante dos olhos dos alunos. Erotizar os olhos. Provocar a fome. Faze-los babar de desejo. Acordar a inteligência adormecida. Ai a cabeça fica grávida: preenche de idéias. E quando a cabeça engravida não há nada que segure o corpo”.*³⁸

*“É preciso esquecer o que se sabe a fim de ver o que não se via.”*³⁹

A novidade, o prazeroso, o legal. É preciso ter em mente que nem tudo o que se é proposto será inegavelmente aceito, respeitado e desejado pelos alunos. Ter essa percepção, de que é preciso aprender com os erros, talvez seja meio caminho andado para que qualquer proposta inovadora dê certo. É preciso, além disso, conhecer-se bem.

³⁷ Freire, Paulo, 1987. pág 58

³⁸ Alves Rubem, 2000

³⁹ Alves, Rubem, 2000

Saber seus próprios limites, suas próprias ambições. Estar atento às mudanças que se fazem necessárias durante o percurso. Estar em conexão com o vivido e o estudado. Perceber suas dificuldades pessoais, saber lidar com as frustrações, faz parte do jogo do aprendizado.

Evidentemente não há um manual de como passo a passo, atingir seus objetivos. Temos que aprender com os alunos. Suas necessidades, seus anseios e temores. Estar ciente que nem todas as propostas são interessantes, nem todos os projetos são realizáveis. Somos seres pensantes, com sentimentos e sensações. Não deixamos de ser humanos por sermos educadores, sendo assim estamos suscetível ao erro, ao engano. Estar voltado para essas possibilidades pode transforma-lo num “bom” ou ” mau” educador.

E não seria esse nosso verdadeiro papel? O de ser inquietante, de se perguntar, se questionar sempre, para que não corra o risco de cair na mesmice, de cair no óbvio, no esquecimento e por consequência na inutilidade? Devemos ser instigantes, agressivos, penetrantes e transformadores, pois que contribuições teríamos dado à humanidade se não participarmos ativamente do processo histórico? Qual seria nosso papel senão o de gravar nas pessoas sensações e sentimentos nunca antes sentido?

Sair do anonimato. Só o fato de termos conseguido deixar marcas em alguém, poderá ter o mágico poder de nos tornar pessoas significativamente especiais. Não se iludir com a promessa deixada para amanhã. Ontem foi passado, amanhã talvez nem virá. Fazer-se presente hoje. Dar-se de presente, para alguém ou para alguma causa. Nossa conduta deve inspirar mudanças, transformações. Deve servir de guia para os que optarem por essa dura jornada do aprendizado.

Deixar de enxergar apenas para dentro de nós mesmos, para os limites do nosso convívio e ter a capacidade de entender que é preciso enxergar o mundo de maneiras diferentes, criar divergências, exteriorizar o que somos, o que pretendemos. O papel do educador deve ser o de fazer com que cada indivíduo construa seu próprio enredo. Suscitar nele sensações e motivações que o torne capaz de sozinho percorrer os caminhos por ele escolhidos.

E acima de tudo mais que ensinar, desaprender. Desaprender o comodismo, desaprender a convivência com coisas que não acredita. E finalmente aprender. Aprender a não ser coadjuvante e sim protagonista da sua própria história.

*“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais.”*⁴⁰

⁴⁰ Alves, Rubem, 2000

Referencia Bibliografica

ABRAMOVICH, FANNY. (Org). O sadismo de nossa infância. São Paulo: Summus, 1981

ABRAMOVICH, FANNY. Quem educa quem? São Paulo: Summus, 1985

ABRAMOVICH, FANNY. O professor não duvida! Duvida? São Paulo: Summus, 1990

ABRAMOVICH, FANNY. Que raio de professora sou eu? São Paulo: Scipione, 1992

ALVES, RUBEM. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. Campinas: Papyrus, 2001

CELMA, JULES. Diário de um educador. São Paulo: Summus, 1979

DALLARI, DALMO DE ABREU/ KORCZAK, JANUSZ. O direito da criança ao respeito. São Paulo: Summus, 1986

FREIRE, PAULO. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

HUIZINGA, JOHAN. Homo Ludens – o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva (Editora da USP), 1971

KORCZAK, JANUSZ. Como amar uma criança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

KORCZAK, JANUSZ. Quando eu voltar a ser criança. São Paulo: Summus, 1981

MARCHAND, MAX. A afetividade do educador. São Paulo: Summus, 1985

PORCHER, LOUIS (org). Educação artística: luxo ou necessidade? São Paulo: Summus, 1982

REVERBEL, OLGA. Um caminho do teatro na escola. Série: Pensamento e ação no magistério. Ed Scipione, 1989

SLADE, PETER. O jogo dramático infantil. São Paulo: Summus, 1978

ANEXO

ANEXO

1- Como foram feitos os bonecos:

Através de papel mache, ensinado em sala de aula por mim e Daniela, com jornal molhado e cola. As roupas foram costuradas pelos próprios alunos por meio de retalhos trazidos por nós e algumas contribuições trazidas pelas crianças. Fornecemos todo material necessário: papel, cola, parte dos tecidos, linha, agulhas, tintas, etc.

2- Histórias produzidas pelos alunos da terceira série do ensino fundamental da Escola EMPG “Profª. Clotilde Barraquet”⁴¹

Grupo 1:

Aluno/personagem

Marco Túlio: Lasaro

Elder: Josuíno

Marcelo: Miutom

Thiago A.: Benedito

Guilherme: Jenuario

Título: Nossos avós e um pai

Lazaro: Eu não tinha tempo para nada só para trabalhar.

Josuíno: Eu Josuíno já trabalhava na roça e era muito cansativo

Pai Miutom: Eu Miutom trabalhava muito e chegava em casa muito tarde

Benedito: Eu Benedito sou caminhoneiro meu trabalho é muito cansativo.

Josuíno: Todos querem sair?

Todos: Vamos então!

Jenuario: Podemos marcar para um sábado

⁴¹ Todos os erros gramaticais provocados pelos alunos foram preservados.

Todos: Ta bom!

Narrador: Os dias se passaram e chegou o sábado o dia do encontro

Jenuário: Onde nós vamos?

Lazaro: Vamos comer no restaurante!

Josuino: O que vocês vão querer comer?

Todos: O que tiver!

Lasaro: Depois fomos embora e ficamos sabendo uns dos outros

Miuton: Então ficamos indo um na casa dos outros.

Benedito: Até que nossos filhos nasceram e tivemos netos.

Miuton: Mas hoje contamos ao nossos filhos um pouco dos avós.

GRUPO 2:

JANAINA - AMIGA DE ISAURA

DENISE - BABÁ MARIA

ALINE - MARIA (VÓ)

STEPHANIE - EDITE (MÃE)

TAIS - TRESA (FILHA)

MARIA - Era uma vez 5 amigas velhinhas, velhinhas.

TEREZA - Vovó do que ela trabalhavam

MARIA - Elas trabalhavam na roça

TEREZA - O que elas faziam na roça?

MARIA - La na roça elas colhiam e carpintavam e plantavam

TEREZA - Vovó do que elas brincavam quando eram crianças

MARIA - Elas gostavam de brincar de brincadeiras que não tinha brinquedos

TEREZA - Vovó qual o nome delas?

MARIA - O nome delas era Maria, Edite, Tereza, Isaura e Maria

MARIA - Filha está na hora do almoço

TEREZA - Já estou indo mamãe

EDITE - Mamãe eu preciso conversar com a senhora

MARIA - Fala filha

EDITE - Mamãe eu preciso de uma babá para a Tereza

MARIA - Eu conheço uma amiga que pode cuidar da Tereza

EDITE - Liga para ela mamãe

MARIA - Está bem

EDITE - Deixe que eu atendo. Tereza chegou sua baba

ISAURA - Maria cade a Tereza ?

MARIA - Chegou sua amiga

MARIA - A Tereza está no quarto

ISAURA - Obrigada Maria estou indo lá. Oi tereza

TEREZA - Oi Isaura.
 ISAURA - Vamos brincar
 TEREZA - Vamos
 MARIA - Tereza hora de tomar banho
 TEREZA - Já estou indo
 ISAURA - Tchau Tereza
 TEREZA - Tchau Isaura
 MARIA - Tereza você já tomou banho
 TEREZA - Vem dá banho em mim
 MARIA - Abre a porta! (batem na porta) já estou indo. Oi sua filha se comporta muito bem. Tchau Tereza
 TEREZA - Tchau baba até amanhã.

GRUPO 3:
 RAIANY
 VANESSA

DEICI - olá pessoal! Vou contar um pouquinho da minha vida. Eu comecei a trabalhar com 4 anos de idade, conhecia almira, e ana benedita. Todo dia quando nós terminávamos de trabalhar nós sempre brincávamos escondidas das mães, de boneca de milho. Nós acabamos separadas porque as nossas mães foram embora. Eu parei de trabalhar com 19 anos, casei com 20 e tive 2 filhos com 23 anos.
 ALMIRA - Oi pessoal! vou contar um pouquinho da minha vida! Eu comecei a trabalhar com 9 anos na roça e eu trabalhava o dia inteiro e ficava cansada. E eu fui ficando velha, parei de trabalhar com 20 anos porque eu tinha que casar e meu homem chamava-se pedro. Lá na roça meu marido construiu uma casa para nos dois morar. E nós tínhamos 10filhos, filha uma é leone outra meire, jusselina, valdique, edilço e valdemir e assim acabou minha história
 DEUCI - Olá almira !
 ALMIRA - Olá deuci!
 DEUCI - Aonde você mora?
 ALMIRA - A eu moro na rua 15, você não que tomar um café?
 DEUCI - A tá bom
 ALMIRA - Você sabe fazer boneca de pano?
 DEUCI - Eu acho que sim
 ALMIRA- Porque quando meus netos eram pequenos eu fazia muitas
 DEUCI - Você poderia me ensinar um pouquinho?
 ALMIRA- Está bem. Pega uns pedaços de retalhos e emenda na máquina de costura, bom e cola na cabeça da boneca e depois coloca algodão para ficar fofinho, depois faz a mão.
 DEUCI - A! Eu vou para casa tentar fazer. Tchau Almira!

3 - ALGUNS JOGOS E BRINCADEIRAS TRABALHADOS COM OS ALUNOS DA TERCEIRA SÉRIE DA ESCOLA EMPG PROF.ª CLOTILDE BARRAQUETE

Brincadeira com bola

Formar uma roda

- 1º Um jogando a bola para o outro, aleatoriamente;
- 2º Um jogando a bola para o outro. A pessoa que recebe a bola fala o seu nome;
- 3º Uma pessoa no centro da roda jogando a bola para cada integrante da roda, olhando nos olhos das pessoas que recebem a bola.

Trabalhando a criatividade

1º. JOGO:

Formar grupos com 5 integrantes

Apresentar aos alunos várias figuras. Pedimos para que criassem movimentos a partir de uma figura escolhida pelo aluno. Apresentação para os outros alunos. Cada grupo apresentando os movimentos criados.

2º. JOGO:

Criar movimentos através de objetos trazidos por nós: tecidos, utensílios de cozinha, quadros, fotos, paisagens, etc

Descobrimo o espaço

1º Pedimos para que os alunos andassem pelo espaço, ocupando todos os cantos da sala;

2º Pedimos para que os alunos andassem pelo espaço, de alguma forma diferente, ocupando todos os cantos da sala;

Brincadeira do líder

Forma-se uma roda, uma pessoa é escolhida a sair da sala. Escolhe-se um líder para comandar movimentos enquanto as outras imitam, chama-se a pessoa que está para fora da sala para que descubra quem é o líder. Após descoberto, o líder é quem sai da sala para a continuidade da brincadeira. Completando o movimento

Forma-se uma fila. A primeira pessoa da fila vai à frente da sala e começa a fazer um movimento repetidamente. A próxima pessoa da fila tem de complementar esse movimento, e assim por diante.

Descobrimo o espaço com brincadeiras

Andando pelo espaço até um comando a ser dado (batida de um pandeiro, por exemplo)

A pessoa quem fica para dar o comando pede uma tarefa a cada batida de pandeiro, ex.: Estatua. Após a batida, novamente do pandeiro, voltam a andar pelo espaço. Nova batida, nova tarefa : sentados. Outras tarefas : em dupla, em três com braço colado, em dupla agachados etc.

Descobrimo o espaço com brincadeiras e músicas

Andando pelo espaço cantando alguma música estabelecida pelo grupo, cantigas de roda, por exemplo. Pedir para imagina que estão dentro de uma bola, andando ainda pelo espaço e cantando. Pedir para imitar movimentos de animais passeando pelo espaço.

Brincadeira do detetive

No grupo terá que ter um detetive, um ladrão e as vítimas. Todos serão escolhidos por sorteio, não revelando a ninguém os respectivos personagens. Todos andando pela sala, a pessoa que tirou o papel escrito ladrão terá que derrubar as vítimas com uma piscada. A Vítima que receber uma piscada tem que cair e ficar deitada no chão. O detetive terá que descobrir quem é o ladrão.

Costurando o espaço

Pedimos para que os alunos andem pelo espaço. Quando percebemos que estão bem espalhados, pedimos para que parem. Damos uma lâ para uma pessoa, ela ficará com a ponta da lâ e jogará o novelo para outra pessoa, esta que irá segurar a linha e jogar o novelo para outro. Após todos estarem com a lâ terão que refazer o novelo percorrendo o caminho inverso.

Trabalhando com música

1º Elaborar alguns movimentos com música e passar ao alunos;
 2º Pedir para que elaborem seus próprios movimentos ;
 3º Pedir para que formem 3 filas. A pessoa da frente da fila começa a se deslocar com algum movimento, os outros da fila seguem o movimento. Conforme a música vai sendo trocada, o primeiro que conduz o movimento, vai para o final da fila. Agora o primeiro da fila conduz o movimento, e assim por diante.

Desenhando e montando Histórias

1º Colocamos uma música, pedimos para que cada aluno fizesse um

desenho;

2º Pedimos para que os alunos se colocassem em roda, mostrando os desenhos;

3º Escolhemos alunos para a formação de três grupos. Cada grupo teve um tempo para a formação de uma história, com base nos desenhos que fizeram. Tiveram que "amarrar" todos os desenhos em uma única história;

4º Após a montagem da história, cada grupo contou-a para os alunos da sala;

5º Cada grupo contou a história através do corpo, sem o uso da fala.

Qualidades e Defeitos

Em duplas, as crianças desenhavam seu corpo num jornal grande, circulando o corpo todo

Até que o desenho se complete. Individualmente cada um define as qualidades e defeitos que considera que tenha: como por exemplo alegria no coração, inteligência na cabeça...